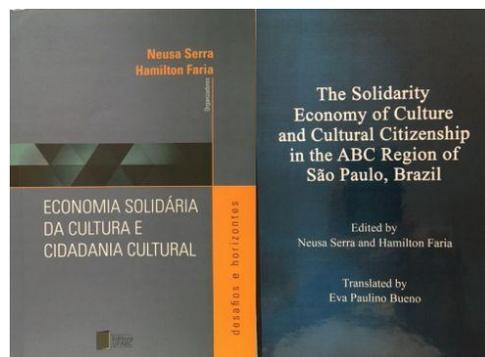


RESENHA:

SERRA, Neusa, FARIA, Hamilton. *Economia solidária da cultura e cidadania cultural*. São Paulo: Editora da UFABC, 2016.

SERRA, Neusa, FARIA, Hamilton. Tradução de Eva Paulino Bueno. *The Solidarity Economy of Culture and Cultural Citizenship in the ABC Region of São Paulo, Brazil*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2018.



A economia solidária como motor propulsor da cultura e cidadania cultural

MARIO JOÃO FIGUEIREDO*

O livro *The Solidarity Economy of Culture and Cultural Citizenship in the ABC Region of São Paulo, Brazil* (Cambridge Scholars, 2018) é uma tradução, para o inglês, de *Economia Solidária da Cultura e Cidadania Cultural – Desafios e Horizontes*, organizado por Neusa Serra e Hamilton Faria, publicado pela Editora da Universidade Federal do ABC em 2016. Tanto o livro original em português como a sua tradução buscam trazer a ciência econômica para fora dos cânones neoliberais do *mainstream* atual, que colocam o mercado como panaceia para enfrentar a complexidade das sociedades atuais.

Mais que isto, sem subestimar a importância do econômico em si, esta obra procura mostrar uma dimensão mais humana e solidária das relações sociais e econômicas, em especial aquelas relacionadas à cultura. Ao retratar as palestras e as discussões ocorridas no Encontro sobre Economia Solidária da Cultura e Cidadania Cultural, realizado em 11 de junho de 2015 na UFABC, o livro permite a quem trabalha na área ter uma noção das possibilidades, e

dificuldades, que as comunidades de periferia das cidades brasileiras têm para criar e desenvolver seu cotidiano social, econômico e cultural.

As possibilidades são demonstradas à larga, ao longo dos depoimentos dos participantes. Por seu turno, as dificuldades também emergem dos debates e podem ser apreendidas na leitura do livro.

Eva Paulino Bueno, em sua introdução à edição do livro em inglês, após uma breve discussão a respeito da natureza e valor da arte, e de quem tem autoridade para determinar o que é e o que não é arte, afirma que “... cada um dos apresentadores e organizadores tem uma história pessoal de trabalho e apreço pelas diferenças dentro da nação brasileira, como é demonstrado pelo esforço de reunir artistas para compartilhar suas experiências e conhecimentos uns com os outros e, no processo, inspirar outras pessoas, artistas, gestores municipais, intelectuais e a própria universidade”¹.

¹ Traduzido livremente pelo autor.

Esse assunto, de certa forma, transpassa todo o livro e as próprias discussões, uma vez que no encontro estavam presentes representantes de praticamente todo o universo da cultura.

A palestra “Economia solidária: novos paradigmas culturais,” proferida pelo Professor Ladislau Dowbor, de certa forma, “calibra” e orienta as discussões que virão a seguir. Pode-se afirmar que em sua fala ele consegue dar o suporte teórico e ideológico ao assunto, ao mesmo tempo em que discute as principais questões que dizem respeito a todos aqueles que pensam um mundo diferente do atual. Tudo isso, de uma forma de escrever agradável e envolvente.

Em relação aos depoimentos dos participantes do encontro e transcritos no livro, por não ser possível tratar nessa resenha de cada um deles, me atenho a alguns pontos que permitam ao leitor ter uma ideia da riqueza e profundidade que o conjunto dos depoimentos representa para quem trabalha ou se preocupa com o assunto.

Diversas questões relevantes emergiram das falas dos participantes: dificuldade de sobrevivência das organizações; forma como grande parte das organizações surgiu, a partir de necessidades comuns; importância do apoio governamental, a exemplo do Programa Pontos de Cultura.

Também foram discutidas necessidades tais como a falta de conhecimento para lidar com a burocracia pública ou para se relacionar com os segmentos privados. Necessidades, inclusive, de saber precificar o trabalho de cada um. De se fazer conhecido e respeitado pela comunidade, inclusive a local.

Os depoimentos são ricos também pela diversidade de áreas de atuação dos representantes. Desde o apoio à comercialização direta da produção da

agricultura familiar, até a divulgação da cultura negra brasileira e o empoderamento da mulher através da arte. De representantes circenses, que precisam realizar acrobacias e malabarismos maiores do que em suas próprias apresentações para conseguirem acessar mínguos recursos públicos. Do ensinamento do Hip Hop às populações jovens. Do aprendizado em como lidar com o poder público municipal.

O resultado é que apesar das dificuldades a maioria tem conseguido se manter e crescer, talvez por “pensar o mundo e se repensar” em atividades e eventos como nos *saraus* e, por conseguinte, estão furando o cordão da exclusão por meio da solidariedade e de relações sociais e econômicas diferenciadas e baseadas na economia solidária – da cultura.

Outro ponto trazido à reflexão diz respeito aos resultados das leis de incentivo via renúncia fiscal, as quais, funcionais ao sistema capitalista, “dinamizaram um mercado de bens e serviços culturais concentrado e excludente”. O contraponto levantado no texto diz respeito à necessidade da criação de instrumentos legais que facilitem e apoiem as comunidades locais.

A convergência entre a economia solidária e a economia da cultura também foi tratada. Diversos exemplos são citados, como o do Cariri, um território que envolve a Paraíba e o Ceará, no qual “a cultura foi eleita como o motor do desenvolvimento da região”.

A experiência acumulada pelos protagonistas da economia solidária que conquistaram uma Secretaria, em nível federal, foi ressaltada como algo a ser apreendido e a ser seguido.

Direitos culturais e cidadania também são discutidos. Nesse ponto, as práticas do *funk* são exemplos.

Também, são destacados questionamentos que os próprios artistas se fazem e que enriquecem o texto: “Como é que a gente consegue viver de arte? Como eu consigo viver de arte e produzindo arte? Como pagar as contas a partir do trabalho artístico?” São questões difíceis de serem respondidas, porém o livro, certamente, ajudará nas respostas.

O livro traz um texto que se propõe a fazer uma leitura crítica da economia solidária da cultura e o desenvolvimento local no Grande ABC. Destaca-se que a despeito de assimétrica, vem acontecendo uma maior democratização do acesso à cultura na região.

Pode-se afirmar, sem risco de erro que o livro, além de reproduzir as discussões e apresentações do encontro, consegue fazer uma excelente abordagem das relações entre economia solidária e economia da cultura, demonstrando as interfaces possíveis entre ambas. Consegue também mostrar um pouco do que o poder público municipal, estadual ou federal vem fazendo, ou poderia fazer, em favor dos segmentos que fazem cultura fora dos ditames do mercado cultural das grandes produções.

A leitura é agradável e, ao mesmo tempo instigante, especialmente quando trata do árduo trabalho que os coletivos culturais enfrentam em seu cotidiano, centrados no fazer local, atuação solidária e em rede, autogestão e envolvimento profundo com suas comunidades. Salienta-se que boa parte dos coletivos são formados por jovens e mulheres que conseguiram conquistar seus espaços e crescerem.

Além do conteúdo teórico sobre o assunto, em especial sobre a questão da economia da cultura, o livro aponta para a necessidade, e possibilidade, de as universidades aprofundarem as pesquisas sobre as práticas dos coletivos, a fim de

servir de subsídio a quem trabalha com o assunto cultura em sua vertente não mercadológica.

Uma reflexão necessária, a partir da leitura do livro, é de como esse processo, essas iniciativas, conseguirão sobreviver apesar das mudanças estruturais das políticas públicas, em desfavor das populações mais pobres das periferias das cidades especialmente em nível nacional. Além de ser uma reflexão necessária, é também um imenso desafio, em especial após o resultado das eleições de outubro de 2018, no Brasil.

Finalizando, o livro pode ser lido tanto pelo público diretamente envolvido com a cultura, quanto por pessoas que apreciem uma boa leitura e que gostem de conhecer um universo diferente que busca a inclusão de segmentos historicamente excluídos da sociedade e que sejam engajados em uma luta por uma sociedade mais justa e democrática. Eu recomendo a leitura tanto do livro em português (que contem o testemunho de dois grupos que não aparecem na versão inglesa) como a tradução ao inglês, que contem informações adicionais em notas de rodapé, assim como uma introdução escrita por uma profissional que trabalha com a cultura brasileira no exterior.

*Recebido em 2019-01-29
Publicado em 2019-03-12*



* **MARIO JOÃO FIGUEIREDO** é Doutor em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); funcionário público do Estado do Paraná e lecionou na Universidade Tuiuti e na UFPR.